



# a Voz do Operário

INFORMAÇÃO com CLASSE

Fundado em 11 de outubro de 1879 pelos operários manipuladores do tabaco  
ANO 143 NÚMERO 3103 MENSÁRIO PREÇO €0,50 PORTE PAGO CABO RUIVO - TAXA PAGA  
JUNHO 2022 DIRETOR DOMINGOS LOBO JORNAL REGIONAL DA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA



FESTAS POPULARES

## As festas estão de volta a Lisboa

Em junho, o formigueiro festivo de Lisboa está de regresso depois de dois anos de restrições. As Marchas Populares e os arraiais são parte integrante de um coropio de sorrisos que enche as ruas da cidade. Nada se-

ria possível sem o esforço daqueles que durante boa parte do ano se dedicam, através do associativismo, à preparação das festas. Também n'A Voz do Operário. É hora de abrir caminho à folia. **págs. 6 e 7**



## PS aprova Orçamento do Estado

A maioria absoluta já se faz sentir. O governo PS dispensou negociações e fez aprovar o Orçamento do Estado (OE) de 2022. Anunciado como um "Orçamento à esquerda", o documento não evita a escalada de preços e a perda do poder de compra. Os trabalhadores saíram às ruas em diversas iniciativas para denunciar o aumento do custo de vida e a exploração. **pág. 13**



## Lisboa ainda mais cara

No ranking que compara os rendimentos médios dos habitantes, o custo de vida e o valor da renda cobrada por um apartamento tipologia T3, a capital portuguesa entra no pódio à frente, depois de Roma e Londres. Lisboa surge como um dos casos de movimentos de retirada de trabalhadores com baixos rendimentos dos grandes centros para a periferia. **pág. 10**



ENTREVISTA

## Cecília Henriques e Ricardo Raposo

Estes dois atores são os padrinhos da Marcha Infantil A Voz do Operário. Entusiasmados com a ideia de desfilar ao lado destas crianças, confessam que o regresso das festas é um momento feliz para a cidade. **págs. 8 e 9**



## A VOZ DO OPERÁRIO Marcha infantil

Depois de semanas de ensaios, cerca de 60 meninas e meninos vão desfilar na Avenida da Liberdade e no Pavilhão Altice Arena representando A Voz do Operário nas Marchas Populares de Lisboa. **pág. 4**



## Defender a paz

A defesa da paz é uma urgência desta época tão complexa que estamos a viver, num mundo em profunda convulsão, onde se têm multiplicado conflitos, guerras, sanções, bloqueios, corrida aos armamentos, sofrimento, destruição, aumento do número de refugiados e deslocados, o que implica o reforço do empenhamento de todos os amantes da paz. **pág. 16**

## Voltaram as Festas Populares

**Manuel Figueiredo,**  
Presidente da Direção

Após dois anos de interrupção forçada, devido à pandemia da Covid19, estão de volta as tradicionais Festas Populares de Lisboa, que mais uma vez contarão com a participação da Voz do Operário, com os desfiles da Marcha e Infantil e a organização do nosso Arraial.

São muitos os voluntários que têm estado envolvidos nos preparativos da marcha e do arraial e que agora estão a postos para que tudo corra pelo melhor.

A nossa Marcha Infantil surgiu em 1988 em resposta a um desafio da Câmara Municipal de Lisboa, tendo participado desde então em todas as Festas Populares de Lisboa, contribuindo com a sua graciosidade e uma alegria contagiante para esta nota de ternura muito particular com que brindam os desfiles.

Desde então, muitas crianças cantaram e cantam o hino da Marcha Infantil da Voz do Operário, cujo refrão ecoa nos nossos ouvidos por esta altura “Queremos um dia que não vem no calendário e ser felizes na Voz do Operário”, cujos autores são José Jorge Letria (letra) e Carlos Alberto Moniz (música).

A Marcha Infantil da Voz do Operário tem já uma marca indelével nas Festas de Populares de Lisboa como, entre outros reconhecimentos, o comprovam o voto de louvor aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal de Lisboa em 2016.

Este ano a Marcha conta com a participação de seis dezenas de crianças e como sempre, a sua preparação, implicou escolher o tema, desenhar os vestuários, conceber dos arcos e restantes apetrechos, pensar a coreografia, escrever as letras e compor as músicas e depois concretizar tudo, com muita costura, muita pintura, muito corte e cola.

Muitas horas de ensaios com as crianças envolvidas, para se fazer corretamente as marcações, decorar as letras e afinar as vozes, tornando possível este projeto, que de novo volta a ser recriado.

Tem como tema “As crianças e o Fado”, é ensaiada por Sofia Cruz, o figurino é da autoria de Nuno Lopes, sendo os padrinhos Cecília Henriques e Ricardo Raposo.

Para além do seu Hino, as outras cantigas da marcha deste ano têm letras de Sara Costa e Ricardo Dias e mú-

sicas de Carlos Alberto Moniz e Carlos Alberto Vidal.

Tudo está ultimado com todo o pormenor, para que mais uma vez a nossa Marcha Infantil possa encantar e encher-nos de alegria. De entre as atuações previstas estão os desfiles no Pavilhão Arena no próximo dia 3 e na Avenida na noite de 12, onde o país inteiro irá mais uma vez apreciar as nossas crianças, que tão bem representam a Voz do Operário.

Pelo meio, no próximo dia 10 teremos nas nossas instalações da Graça o desfile de diversas marchas infantis de coletividades de Lisboa, que culminará com as atuações da Marcha Infantil da Voz do Operário da marcha de adultos de São Vicente.

Também o nosso arraial “O Beco de Lisboa” está pronto para começar a funcionar, estando o seu início marcado para o próximo dia 3.

Para além do tradicional e muito acolhedor espaço do próprio arraial, o mesmo será estendido, nos dias de maior procura, para o recreio da nossa escola, além de que mais uma vez teremos o elétrico no passeio da nossa rua, a Rua Voz do Operário.

Também aqui foi muito o trabalho preparatório. Lavar e limpar tudo, pintar e retocar as paredes, arranjar as mesas, os bancos, as luzes e os enfeites, preparar o elétrico e outros equipamentos, bem como o palco, onde irão atuar os artistas que nos vão honrar com a sua presença.

Esperamos deste modo voltar a proporcionar muito agradáveis momentos convívio e de confraternização, contando com grande adesão dos sócios e amigos da Voz, neste que será um ponto de reencontro e de fortalecimento da ligação dos sócios à sua instituição, dando mais força à progressiva retoma da atividade associativa, que tão afetada esteve nos últimos dois anos.

São muitos os motivos para que este seja um grande reencontro, num espaço muito acolhedor e um ambiente de intrínseca amizade, em que a par de uma sardinha, uma entremeada, ou muitos outros bons petiscos, acompanhados das bebidas a preceito (mas com moderação) com muita música, designadamente com atuações ao vivo, estando assim reunidos todos os ingredientes para que possamos voltar a desfrutar destes momentos com toda a plenitude.

## EDITORIAL

### A folia está de regresso

Depois de dois anos de restrições, as Festas de Lisboa regressam à cidade e com elas as marchas e os arraiais. Com uma presença assídua ao longo de anos, dezenas de meninas e meninos vão desfilar novamente na Avenida da Liberdade com a marcha infantil A Voz do Operário. Será, certamente, um momento de grande emoção não só para os que participam mas também para todos os que coletivamente erguem a presença da instituição nas festas. São dezenas os voluntários que contribuem para vestir estas crianças, para as ensaiar, para lhes dar uma letra e uma melodia, entre tantas outras coisas. É também assim que se ergue o arraial d’A Voz do Operário. É uma prática que marca e distingue uma instituição que não só tem um caráter popular como representa os valores da solidariedade e justiça social.

Em tempos em que a guerra desencadeia o militarismo de todas as partes com pesadas consequências para os trabalhadores e para os povos, uma vez mais vão ser os que menos têm a pagar pelas decisões dos governantes. A paz é cada vez mais uma necessidade. A escalada dos preços está a retirar poder de compra a quem trabalha sem que o governo tenha demonstrado grande preocupação com o destino de milhões de trabalhadores. Perante a inflação galopante, os aumentos salariais previstos são pírricos, não evitando que muitos sejam empurrados para a pobreza.

Em linha com estas políticas, o PS que havia prometido o Orçamento “mais à esquerda de sempre” volta a deixar na gaveta medidas urgentes para fazer frente às necessidades reais dos trabalhadores e do país. As greves e manifestações a que assistimos nas últimas semanas demonstram bem um sentimento de crescente descontentamento entre a população.

Este é o caminho que teremos de percorrer nos próximos anos para fazer frente a um governo de maioria absoluta que, de mãos desatadas, tem as prioridades erradas. Certas para uma minoria, prejudiciais para todos nós.

## a Voz do Operário

**PROPRIEDADE E EDIÇÃO** SIB A Voz do Operário  
Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa  
Telefone: 218 862 155. E-mail: [jornal@vozoperario.pt](mailto:jornal@vozoperario.pt)  
**DIRETOR** Domingos Lobo  
**REDATOR PRINCIPAL** Bruno Amaral de Carvalho  
**DESIGN E PAGINAÇÃO** Ana Ambrósio, Diogo Jorge  
**FOTOGRAFIA** Nuno Agostinho  
**COLABORADORES** Ana Sofia, André Levy, Carlos Moura, Domingos Lobo, Eugénio Rosa, Luís Caixeiro, Manuel Figueiredo, Margarida Brissos, Maurício Miguel, Rego Mendes, Rita Morais  
**REDAÇÃO** Rua da Voz do Operário, 13, 1100 – 620 Lisboa  
**IMPRESSÃO** Empresa Gráfica Funchalense, SA  
Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição,  
n.º 50 – Morelena, 2715 – 029 Pêro Pinheiro  
**N.º DE REGISTO NA ERC** 107759  
**DEPÓSITO LEGAL** 6394/84  
**PERIODICIDADE** Mensal  
**TIRAGEM** 3.500 exemplares  
**ESTATUTO EDITORIAL** [www.vozoperario.pt](http://www.vozoperario.pt)



Membro da  
Associação da  
Imprensa  
Não-Diária



Associação  
Portuguesa  
da Imprensa  
Regional



MEMÓRIA

# Rocha Martins, jornalista de Lisboa e da liberdade



Artigo de Rocha Martins no jornal República (janeiro 1949).

Rocha Martins.

Um monárquico a colaborar no diário sindicalista *A Batalha*? Um apoiante do golpe militar de 1926 que se torna destacado antifascista? Assim foi o jornalista e escritor Rocha Martins, quase sempre em rebeldia contra o poder instalado.

Abraçou a causa da monarquia constitucional quando esta declinava, após o assassinato do rei D. Carlos e do príncipe Luís Filipe, em 1908. Implantada a República, em 1910, permaneceu fiel ao último rei, D. Manuel II, ao longo dos 22 anos em que este viveu no exílio.

Nesta postura, Rocha Martins esteve na oposição ao poder republicano, inclusive em cargos eleitos como deputado e como autarca municipal de Lisboa. Ajudou “à propaganda e eclosão” do golpe militar que derrubou a 1ª República, em 1926, mas “não concordou com a sequência”. E “abandonou a política” quando D. Manuel II faleceu, em 1932 – segundo ele próprio explicaria [*República*, 20/05/1961, p.26].

Mas perante o fascismo, e quando já entrava na dita terceira idade, Rocha Martins acabou por tomar posição na linha da frente, em luta pela liberdade. A partir de 1945, torna-se um porta-voz da oposição à ditadura, no principal jornal anti-fascista (na legalidade), o diário *República*. Faz parte da junta consultiva do MUD (Movimento de Unidade Democrática), ao lado de figuras como Norton de Matos e António Sérgio. E até adere ao velho Partido Socialista Português.

Ao falecer, em 1952, deixa grande parte dos seus bens à *A Voz do Operário*.

## No jornal *A Batalha*

Francisco José Rocha Martins nasceu na cidade de Lisboa, freguesia de Belém, em 1879. Começou a trabalhar aos 15 anos, como empregado de escritório. Ainda almejou tornar-se engenheiro naval e passou pelas oficinas do Arsenal da Marinha.

Mas foi pelo jornalismo que cedo enveredou. Colaborou em vários títulos da grande imprensa, entre os quais o *Diário de Notícias*. Fundou as revistas ilustradas *ABC* (em 1920) e *Arquivo Nacional* (em 1932). Foi presidente da associação mutualista dos jornalistas, a Casa da Imprensa.

Publicou vários livros, denotando uma paixão pela história de Portugal e também pela sua cidade. Integrou aliás, em 1936, a comissão organizadora da associação Grupo Amigos de Lisboa.

Pelo jornalismo se ligou ao movimento operário, em 1925, com a sua colaboração no diário sindicalista *A Batalha*, órgão da CGT (Confederação Geral do Trabalho). É bem um exemplo da diversidade ideológica presente nesse jornal – e no próprio movimento sindical.

## Preso político

Um testemunho interessante sobre Rocha Martins foi deixado pelo sindicalista Manuel Joaquim de Sousa, antigo secretário-geral da CGT e diretor da *A Batalha*.

Recorda que, em 1929, o seu filho, Germinal de Sousa, também ele um destacado sindicalista, foi preso pela ditadura militar. A “policia exerce sobre ele os piores tratos”. E Rocha Martins “intervém para que o libertem, como já antes havia evitado a sua deportação para Angola, em 1927”.

Conhecedor, depois, das torturas a que aquele jovem foi submetido, Rocha Martins “protestou indignado junto do então presidente do ministério, o general José Vicente de Freitas, o qual quis ver o jovem martirizado e da sua própria boca ouvir o relato dos factos”. Mas “horas depois”, a redacção da revista *ABC* “era assaltada para de novo ser preso aquele jovem. E como este já não fosse encontrado, é, por sua vez, preso Rocha Martins sob o pretexto de lhe ter facilitado a fuga”.

Segundo Manuel Joaquim de Sousa, “o escândalo nos bastidores governamentais e policiais foi grande pois Rocha Martins, tendo tomado parte activamente nos preparativos do 28 de Maio”, foi inicialmente “considerado amigo da situação” [Sousa (1989), *Últimos tempos de acção sindical livre e do anarquismo militante*, pp. 54/5].

## Legado à *Voz do Operário*

Outro antigo sindicalista a evocar a memória de Rocha Martins foi Joaquim Cardoso, destacado fundador do jornal *A Batalha* e do Partido Comunista Português, além de secretário-geral da federação sindical dos operários da construção civil. E fê-lo aqui, na *A Voz do Operário*:

“As suas conversas, a muitas das quais assisti, eram sempre interessantes na defesa dos oprimidos”. Rocha Martins “cumpriu a afirmação que uma vez me fez de que o pouco que possuía deixá-lo-ia aos seus camaradas proletários. Nobremente satisfez tal promessa, legando à *Voz do Operário* grande parte da sua volumosa e interessante biblioteca, assim como o prédio que possuía”, em coerência “com os princípios humanos que sempre defendeu” [*A Voz do Operário*, 01/08/1952, p.1].

## O 1º de Maio em Lisboa

No seu livro *Lisboa de ontem e de hoje* (1945) Rocha Martins menciona *A Voz do Operário* como “benemerita instituição, o grande centro fraternal dos trabalhadores, grande associação escolar e de socorro mútuo”, que “está instalada entre o Bairro de S. Vicente e o da Graça na rua que tem o seu nome e bem merecidamente”. Aponta ainda que foi no tempo da monarquia que o chefe do governo de 1906 a 1908, João Franco, “concedeu ao baluarte proletário o terreno onde edificou a sua sede” [p.37].

Noutra obra de estudos olisiponenses, *Lisboa - história das suas glórias e catástrofes* (1947), Rocha Martins recorda como eram as primeiras celebrações do 1º de Maio nesta cidade. Havia um “grande cortejo” que “atravessava da Avenida da Liberdade para o cemitério dos Prazeres”, onde culminava com a colocação de flores na campa de José Fontana, “o suíço que, sendo gerente da livraria Bertrand, do Chiado, animara a ideia socialista em Portugal” [pp.1013/4].

## MARCHA INFANTIL

# A Voz do Operário evoca as crianças e o fado



As crianças da Marcha Infantil ensaiaram diariamente ao longo dos últimos meses.

A Marcha Infantil A Voz do Operário vai homenagear as crianças e o fado nos dois desfiles. A ligação da Voz a este género musical tem mais de um século. Segundo a ensaiadora da Marcha Infantil, Sofia Cruz, vão ser 60 meninas e meninos a envergar as cores da instituição numa coreografia que leva de novo estas crianças ao centro da festa num ano marcado pelo fim das restrições. “Estou contente por terem voltado as marchas e estou bastante entusiasmada. Eu acho que

vai correr muito bem”, sublinhou a ensaiadora.

Quando estas crianças que vêm de vários pontos de Lisboa desfilarem no Pavilhão Altice Arena e na Avenida da Liberdade, será o corolário de um extenso trabalho a vários braços de uma instituição que se ergueu durante mais de um século através do esforço coletivo. Entre a azáfama dos ensaios diários, sob a batuta de Sofia Cruz, Vítor Agostinho e muitos voluntários, quase uma centena de meninas e meninos levaram muito

a sério a responsabilidade de dar cor ao já tradicional desfile da cidade.

Mas houve também quem se dedicasse de forma voluntária à elaboração dos arcos e dos fatos. Este é um trabalho coletivo que se realiza todos os anos entre mulheres e homens experimentados nesta arte, muitos deles pais e avós de crianças de alunos e ex-alunos. Para o vice-presidente e diretor d’A Voz do Operário, esse trabalho voluntário é fundamental. Nos últimos anos, o apoio do figurinista Nuno (??) tem sido importante e durante as marchas esse trabalho vai estar visível para todos. “Com esta homenagem ao fado, pretendemos que fique claro para quem vir a marcha que é disso que se trata também através dos fatos”, reforça Vítor Agostinho. Tal não seria possível sem a participação de muitos também na feitura dos arcos que vão embelezar a coreografia final. Para o vice-presidente d’A Voz do Operário, o balanço é positivo e até houve mais gente a ajudar do que nos últimos anos antes da pandemia.

Em ano de homenagem ao centenário do nascimento da fadista Amália Rodrigues, que dá mote ao tema da Grande Marcha de Lisboa, os marchantes d’A Voz do Operário já têm as canções na ponta da língua. O destaque vai para a letra inédita de Ricardo Dias e música de Carlos Alberto Vidal de homenagem ao fado, a estrear no antigo Pavilhão Atlântico e na Avenida da Liberdade, assim como da marcha de Sara Costa e Carlos Alberto Moniz. Para além destas, a Marcha Infantil vai recordar, uma vez mais, através da sua canção histórica que quer um dia “que não vem no calendário e ser felizes n’A Voz do Operário”.

## Arraial volta a abrir portas à festa

Milhares de pessoas visitam todos os anos o arraial d’A Voz do Operário, conhecido por Beco de Lisboa, onde, durante várias semanas, as sardinhas, o caldo verde, as entremeadas, a imperial e o vinho tomam conta da festa. Dois anos depois, a folia regressa em força com o fado e a música popular em exposições ao vivo. Segundo Vítor Agostinho, as festas populares vão ser de “arromba” porque há muita vontade de sair para a rua. No dia 10 de junho, a Marcha Infantil vai desfilhar juntamente com a marcha de adultos de São Vicente no recinto d’A Voz do Operário. Nos dias 11 e 12 de junho, A Voz do Operário vai ter um palco na rua.


INSTITUCIONAL

## Doe 0,5% do seu IRS à Voz!

NIF 500 259 518

Este apoio não tem qualquer custo: a percentagem em causa diz respeito ao imposto já liquidado.

E o valor pago de IVA também pode ser consignado!

 **Ajudar assim não custa**

 **A VOZ DO OPERÁRIO**

MARCHA INFANTIL

# Grande Marcha de Lisboa 2022

## Amália é Lisboa

Letra: Joaquim Pires Isqueiro  
Música: José Reza

Cem anos são p'ra lembrar  
Amália lá vai Lisboa  
Ouvindo a "Canção do Mar"  
Cantando o "Fado Malhoa"

Perguntavas "Com que Voz"  
Com alma, com emoção,  
Do Cais da Ribeira à Foz  
Na "Rua do Capelão"

E Lisboa é com certeza  
"Uma Casa Portuguesa"  
A marchar lá na Avenida  
O que ao Santo António peço,  
"Nem às Paredes Confesso",  
"Que Estranha Forma de Vida".

### Refrão

Se quando a Marcha passar  
Ouvires Amália cantar  
Um Fado sobre a cidade  
Se Lisboa se enlaçasse  
Se uma "Gaivota" voasse  
Do Terreiro à Liberdade

Como "Os Amantes do Tejo",  
Se reviveres um desejo  
Nos Becos nas Escadinhas  
Então Lisboa é o amor,  
A "Dar de Beber à Dor"  
Na "Casa da Mariquinhas".

Pelos Bairros à noitinha  
Ela cantava "Foi Deus",  
E uma "Lágrima caiu",  
Ao confessar "Erros Meus"  
Nesta saudade guardada,  
No coração Alfacinha  
Amália, sempre lembrada  
Amália, sempre rainha

E Lisboa é com certeza  
"Uma Casa Portuguesa"  
A marchar lá na Avenida  
O que ao Santo António peço,  
"Nem às paredes Confesso",  
"Que estranha forma de vida".



## Temos o fado na Voz

Letra: Sara da Costa  
Música: Carlos Alberto Moniz

Somos gente pequenina  
Temos o fado na voz  
De ouvir em cada esquina  
A guitarra afinadinha  
A cantar dentro de nós

E no berço já escutámos  
O fado que florescia  
Aprendemos com carinho  
O nosso fado velhinho  
Quando a mãe nos adormecia

### Refrão (bis)

A Severa cantou  
O Malhoa pintou  
O fado perfeito  
Com garganta afinada  
Em guitarra trinada  
Hoje ao nosso jeito

Esta é a nossa homenagem  
Aos nossos grandes fadistas  
Nós vamos continuar  
Aprender e estudar  
Seremos grandes artistas

Porque o fado tão antigo  
Só se escuta em Portugal  
Anda daí meu amigo  
Cantar o fado comigo  
A nossa canção nacional

### Refrão (bis)

## Oh que fado, ser moderno

Letra: Ricardo Dias  
Música: Carlos Alberto Vidal

Dizem que o fado é velhinho  
Dos nossos pais e avós  
Mas quando é afinadinho  
É lembrado com carinho  
P'las crianças cá da Voz

Não há youtuber nem site  
E sentado nesta mesa  
Vou ao insta ponho um like  
No facebook outro like  
À tradição portuguesa

### Refrão

Sou criança sou do fado  
Hoje vou de braço dado  
Nesta festa popular  
Vou-te dar um manjerico  
E brincar no bailarico  
Até ter de me ir deitar

Não preciso de internet  
De cd ou de diskete  
Dados móveis ou wifis  
E ao som desta cantiga  
Hoje danço à moda antiga  
De mãos dadas com os meus pais

Como é bom eu ser criança  
Não me falta bateria  
E nenhum de nós se cansa  
Como é bom eu ser criança  
Isto, sim, é alegria

Ouçõ a minha mãe chamar  
Música dos meus papás  
A infância vou lembrar  
Sem PC, sem tecler  
Oh tempo, volta p'ra trás

INSTITUCIONAL

# Centro de Convívio

JÁ ABRIU

Seg. a sex, 14h-17h30

- Atividades socioculturais e recreativas
- Promoção do bem-estar e saúde
- Participação social

+ info  
secretaria  
ritagoverno@vozoperario.pt

A VOZ DO OPERÁRIO  
R. Voz do Operário, 13, Lisboa

## FESTAS POPULARES



Os arraiais regressam à A Voz do Operário já dia 10 de junho.

# As festas estão de volta a Lisboa

**Bruno Amaral de Carvalho**

Em junho, o formigueiro festivo de Lisboa está de regresso depois de dois anos de restrições. As Marchas Populares e os arraiais são parte integrante de um corropio de sorrisos que enche as ruas da cidade. Nada seria possível sem o esforço daqueles que durante boa parte do ano se dedicam, através do associativismo, à preparação das festas. Centenas de coletividades que juntam as mais diversas expressões desportivas, culturais e recreativas em diversos bairros da cidade são os pulmões da alegria que transborda neste mês. A pandemia do novo coronavírus não só suspendeu a agitação que percorria as ruas de Lisboa e de outros concelhos da Área Metropolitana como afetou a atividade de muitas associações. Este é novamente um momento para congregar à sua volta inúmeras expressões dentro do contexto das festas. Para muitas coletividades, este é também um importante momento de receitas para

investir nos muitos projetos que desenvolvem anualmente junto das populações.

## As festas de Lisboa ao longo da história

As festas em Lisboa realizavam-se tradicionalmente duas vezes por ano: a 15 de fevereiro, dia da trasladação do corpo de Santo António para a catedral de Pádua, e a 13 de junho, data da sua morte. Às cerimónias religiosas, como as missas e a procissão, juntavam-se as festas oficiais da autarquia no Terreiro do Paço e mais tarde no Rossio, que terminavam com fogo-de-artifício.

Simultaneamente, um pouco por toda a cidade, decorriam as festas populares nos bairros, relacionadas com os ancestrais festejos do solstício de verão, os arraiais e descantes e ainda os tronos em homenagem a Santo António.

Por toda a parte, em todas as casas, via-se a imagem do Santo, no seu altar, ornada de flores e de longos pavios. Estes tronos constituem uma das manifesta-

ções mais singulares do culto antoniano que, mais tarde, foram também apropriados pelas crianças que passam a competir entre si na sua feitura.

Entre as comemorações religiosas e pagãs, durante o dia, à noite e pela madrugada de 12 para 13 de Junho, a multidão deslocava-se pelas ruas da cidade erguendo archotes e lampiões para iluminar o caminho. Estes desfiles espontâneos de pessoas transportando balões iluminados em canas estão na origem das Marchas Populares que a partir de 1932, durante o fascismo, se transformariam num concurso organizado, encenado e temático.

Em homenagem ao dom de casamento do Santo, cria-se, na década de 50, o concurso das Noivas de Santo António, que permitiu, ao longo dos anos, celebrar inúmeros casamentos a casais de poucos recursos económicos.

O regime fascista tentou através das Marchas Populares controlar desde o princípio a componente popular das festas de Lisboa mas as coletividades acabaram por fazer sempre parte desta his-

tória. As marchas foram adquirindo um enorme prestígio ao longo dos anos com grande entusiasmo popular. Em 1952, a novidade é a deslocação do desfile para o percurso que conhecemos, do Marquês de Pombal aos Restauradores.

Depois de mais um período instável, a partir de 1963, e até 1970, o desfile ocorreu sem interrupções, sendo nesse ano que a televisão se torna um espectador assíduo, primeiro a preto-e-branco e mais tarde, com cor, revelando toda a essência e esplendor das Marchas.

Na década de 60 começam as exposições em recinto fechado, no Pavilhão dos Desportos, no Parque Eduardo VII. Nessa altura registou-se um dos percursos mais longos – do Parque ao Terreiro do Paço, com passagem pelas Avenidas Sidónio Pais e Fontes Pereira de Melo. Em 65, aparecem os carros alegóricos e, em 69, as mascotes – crianças que acompanham a marcha vestidas a rigor. Nas últimas décadas, as marchas como espelho do movimento associativo e popular ganharam expressão noutros concelhos.

# A VOZ DAS FESTAS

## Sugestões d'A Voz

O mês de junho vai ser um corropio de atividades por toda a cidade. A Voz do Operário fez uma seleção de algumas das muitas iniciativas a visitar nas próximas semanas.

## Noite da Literatura Europeia

Campo de Santa Clara

4 de junho | 18h15 - 23h30

A literatura europeia regressa a Lisboa, com o romance, a poesia, o teatro, a banda desenhada a ocupar o Campo de Santa Clara, mesmo aqui, na freguesia de São Vicente. Nos espaços do Panteão Nacional, da Escola Básica de Santa Clara (Convento do Desagravo), da Trienal de Arquitetura de Lisboa (Palácio Sinel de Cordes), do Polo Cultural da Junta de Freguesia de São Vicente e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, acontecerá um serão literário (entrada livre) que contará com a partilha de obras de treze países, de onde se destaca a estreia da Estónia.

Os autores que serão lidos são: Benedict Wells (Alemanha), Karl Lubomirski (Áustria), Radka Třeštíková (República Checa), Irene Vallejo (Espanha), Kristina Ehin (Estónia), Katja Pantzar (Finlândia), Hubert (Boulard) e Zanzim (Frédéric Leutelier) (França), Péter Gárdos (Hungria), Anna Burns (Irlanda) Davide Enia (Itália), Nathalie Ronvaux (Luxemburgo), Andrzej Sapkowski (Polónia), Matilde Campilho (Portugal).



## Fado no Castelo

Castelo de São Jorge

17 e 18 de junho | 22h

A entrada é livre mas sujeita à lotação do espaço e mediante levantamento prévio do bilhete no Castelo ou Museu do Fado.

Uma vez mais, o fado, Património Cultural Imaterial da Humanidade, vai ser celebrado, desta vez com dois concertos. Ricardo Ribeiro – um dos nomes incontornáveis do Fado contemporâneo – sobe ao palco acompanhado por músicos de renome e pelo pianista de jazz João Paulo Esteves da Silva, convidado especial deste serão. Por sua vez, Teresinha Landeiro apresenta no Castelo o seu mais recente álbum, “Agora”. O seu concerto conta com as participações dos artistas Mimi Froes e Agir, para duetos inéditos. Temas como “O Tempo”, “Amanhã” e “Batom” farão parte do espetáculo.



## Lisboa Mistura

Palácio Pimenta (Campo Grande)

18 de junho | 23h

Bateu Matou é um supergrupo formado por Ivo Costa (Batida, Sara Tavares), Quim Albergaria (Paus) e Riot (Buraka Som Sistema). Esta banda, que junta

tambores e computadores, integra esta tripla de produtores que trazem uma abordagem percussiva, remetendo para a contemporaneidade e para as raízes.

19 de junho | 21h

Thomas Attar (Al-Qasar) & Tó Trips (Dead Combo, Club Makumba). Este projeto com sonoridades árabes e africanas viaja pelo mundo sem largar as raízes.

19 de junho | 22h30

A fechar o Lisboa Mistura, Cachupa Psicadélica convida Kriol e Scúru Fitchádu. Com sonoridades rock e cabo-verdiana, esta encruzilhada musical vai agitar a noite de Lisboa.



## Festa da Diversidade

Ribeira das Naus

18 e 19 de junho | 14h - 24h

A Ribeira das Naus em Lisboa acolhe a Festa da Diversidade, promovida pela SOS Racismo em parceria com várias organizações, o encontro traz para o espaço público o trabalho desenvolvido por associações e artistas periféricos, não esquecendo a luta contra a discriminação, o preconceito, o racismo, a xenofobia, a homofobia ou o machismo.

## Bairro em Festa

Eixo Av. Almirante Reis

20 a 26 de junho

O mote desta iniciativa, organizada pelo Largo Residências com a parceria de vá-

rias associações e colectivos da zona, é a promoção da cultura enquanto motor do desenvolvimento e inclusão social. Diversos recintos, mais ou menos improvisados, acolhem uma programação extensa, que inclui concertos, espetáculos e workshops para famílias, exposições, instalações, debates e cinema. Este ano o lema é Transformar, Comunicar, Resistir e Agregar e destacam-se a exposição “Família Aluga-se”, da fotógrafa Nicole Sánchez, as performances de Mónica Calle, Margarida Bento e Tiago Vieira, Margarida Barata, ou mais recente projeto de Tó Trips, o Club Makumba.



## Arraial Lisboa Pride

Praça do Comércio

25 de junho | 16h - 2h

A noite mais colorida do ano volta a ter lugar na grande praça lisboeta. A festa de visibilidade e celebração da resistência das pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo, das suas famílias e redes de apoio, pelo orgulho, diversidade, igualdade, inclusão e integração de todas as pessoas.

## Regionalismo em Lisboa – Encontro Cultural

Quinta das Conchas

25 e 26 de junho

Descobrir na cidade, num fim de semana diferente, a cultura regional portuguesa. Um programa que inclui ranchos folclóricos, cavaquinhos, tunas e fados, bombos, com a presença do coletivo Tocá Rufar.

INSTITUCIONAL



CECÍLIA HENRIQUES E RICARDO RAPOSO

# “Há uma alegria e esperança no ar”

Vão ser o padrinho e a madrinha da Marcha Infantil A Voz do Operário. Filho de Maria João Abreu e José Raposo, o ator Ricardo Raposo, com 29 anos, tinha apenas seis meses quando participou na telenovela “Cinzas” e, agora, aparece nos ecrãs em “Amor, Amor”. Como muitos outros pais, escolheu A Voz do Operário para os seus filhos. Também Cecília Henriques tomou esta opção. Esta atriz de 32 anos já participou em várias séries e filmes e vai desfilar ao lado de Ricardo Raposo nas Marchas Populares.



“As pessoas sentiram-se muito privadas de socializar nestes tempos.”

Bruno Amaral de Carvalho

## Ambos são actores. Em que momento sentem que está a vossa carreira?

**Ricardo Raposo** - Neste momento específico, estou numa fase bastante singular. Tive a minha participação numa novela, que é alvo de bastante audiência, pelo que sinto um grande reconhecimento e apreço na rua diariamente, e essa é a melhor retribuição que se pode ter nesta profissão.

**Cecília Henriques** - Por mais que sinta que já tenho uma carreira segura e por trabalhar em televisão, consigo ter uma vida financeira estável. Ser artista em Portugal traz uma precariedade imensa associada. A cultura precisa de mais garantias e mais esforço por parte dos nossos governos.

## Quando é que conheceram A Voz do Operário?

**RR** - Eu já conheço há bastante tempo o projeto, a instituição e os moldes, mas desde que fui obrigado a procurar escolas para os meus filhos aprofundi o conhecimento pelo MEM (Movimento da Escola Moderna) que é o praticado desde a creche e é como faz sentido os meninos serem acompanhados.

**CH** - Conheci a Voz porque tenho muitos amigos que têm aqui os filhos. Ouvei falar maravilhas do método de ensino e quis logo pôr a minha Celeste aqui. A ideia de comunidade e de partilha social é muito importante para mim e quero passar isso para a minha filha. Tenho um grande carinho por todas as educadoras e auxiliares. São incríveis!

## O que significa para vocês serem padrinhos

## da marcha infantil A Voz do Operário?

**RR** - É uma honra, por ter filhos a frequentar e por ser uma instituição com o relevo que tem. Além de ter a certeza que vou comer boas sardinhas.

**CH** - Adoro os Santos populares. Acho que fazem parte da nossa cultura popular e fico muito contente que os pequeninos tenham vontade de fazer parte dela. Que nunca se esqueça da história, é muito importante. E fico muito feliz por saber que eles se divertem em continuar com esta tradição tão bonita.

## Acham que vai ser um ano especial depois de dois anos sem Festas de Lisboa?

**CH** - As festas de Lisboa são estruturantes para a vida de alguns bairros, como a Mouraria, onde vivo, por exem-



plo. Sentia uma grande tristeza nas pessoas dos bairros por estarem há tanto tempo sem festas. Há bairros que são financeiramente dependentes destas festas. Por isso, há uma alegria e uma esperança no ar. Ainda que muito tenha de ser feito para suprimir esta ausência de dois anos. Os bairros deviam ser das pessoas que lá vivem. E cada vez menos pessoas tem condições para viver em Lisboa. Se as rendas continuarem assim, as pessoas vão todas sair daqui e esta história vai-se perder em contos. Fico muito triste com isso.

**RR** - Vai ter uma energia triplicada. As pessoas sentiram-se muito privadas de socializar e de se divertir nestes tempos negros.

**É a vossa primeira vez nas Marchas? Vão estar nervosos?**

**RR** - É a primeira, se bem que na minha infância acompanhei muitos anos os meus pais, enquanto padrinhos da Marcha da Penha de França. Acima de tudo, é uma festa que me deixa muito alegre, é muito portuguesa e as boas tradições devem ser passadas, ainda por cima na Marcha Infantil, não havendo concorrência, não há sequer risco de perdermos, é só pura diversão.

**CH** - É a primeira vez, sim! Não estou nervosa. Estou contente e feliz pelas Festas de Lisboa, pelas famílias dos bairros e pelas crianças.



“fico muito contente que os pequeninos tenham vontade de fazer parte, que nunca se esqueça da história”.

INSTITUCIONAL

## Programa

**DIA 10**

19h Abertura

20h30 Desfile da Marcha de São Vicente e das Marchas Infantis Os Baba, Penha de França e A Voz do Operário

**DIA 11**

21h MÚSICA AO VIVO

M&M Felype

**DIA 12**

21h MÚSICA AO VIVO

Duo Nova Opção

**DIAS 13,17,18,24 e 25**

MÚSICA GRAVADA

**Fazemos marcação de mesas!**



A Voz do Operário  
apresenta

# Arraial Beco de Lisboa

junho

10,11,12,13,  
17,18,24,25

das 19h00 às 2h

## LISBOA

# Lisboa é a terceira cidade mais cara do mundo para viver

Roma, Londres e... Lisboa. No ranking que compara os rendimentos médios dos habitantes, o custo de vida - alimentação, transportes, luz e água - e o valor da renda cobrada por um apartamento tipologia T3, a capital portuguesa entra no pódio à frente Paris. 296,17 euros acima do salário mínimo nacional - fixado nos 740,83 euros - o salário médio nacional de 1.037 euros já não chega para suportar os preços praticados em Lisboa. A conclusão é do estudo "The Cost of Living Crisis: How big is the gap between outgoings and incomings around the world?", em português, "A crise do custo de vida: qual é a diferença entre as despesas e os rendimentos em todo o mundo?", da seguradora britânica CIA Landlord, segundo a qual são necessários 1.622 euros para a renda e outros cerca de 558 euros para subsistir na cidade que, em dez anos, perdeu oito mil habitantes, segundo o mais recente Censos.

Entre as 56 metrópoles comparadas, Lisboa surge como um dos casos mais flagrantes dos movimentos de retiradas dos trabalhadores com baixos rendimentos dos grandes centros urbanos para a periferia, alertando para a urgência de uma política de rendas acessíveis, assim como o aumento dos salários. No ponto oposto, em Berna, na Suíça, os trabalhadores que auferem o salário médio ficam com cerca de 1417 euros depois de pagarem a renda e restantes despesas essenciais.

De volta ao top 3 das cidades mais caras do mundo para viver, Roma ocupa o primeiro lugar com o salário médio de 1.434 euros a ficar substancialmente abaixo dos 2.054 euros necessários para arrendar um



apartamento T3 e o mínimo de 784 euros para viver na capital italiana. Logo a seguir, Londres surge em segundo lugar com um salário médio de 3.196 libras para cobrir cerca de 3.413 libras pela habitação e mais 854 para o custo de vida.

## VELOCIDADE

# Lisboa só abranda após estudo técnico

Com o voto contra do executivo minoritário PSD/CDS na Câmara Municipal de Lisboa, a proposta do Livre para reduzir em 10 quilómetros a velocidade máxima de circulação automóvel em Lisboa foi aprovada pelos vereadores do PS, BE, Livre e a abstenção do PCP, dependendo agora de um projeto para a sua implementação.

Na prática, a ideia é que, à semelhança do que está a acontecer na grande maioria das capitais europeias, os limites de velocidade possam contribuir para diminuir a sinistralidade e consumo de combustível. No caso específico da capital, nas vias classificadas com os 3.º, 4.º e 5.º níveis de hierarquização da rede viária, o limite passará a ser de 30 quilómetros por hora. Nas vias de 2.º nível, como são o caso de vias de maior dimensão, o limite vai passar a ser de 40 quilómetros por hora, face ao atual limite de 50 quilómetros por hora. Já nas chamadas vias de 1.º nível, como a 2ª Circular, o limite desce dos 80 para os 70 quilómetros por hora.

Confrontado com a eventualidade de vir a encerrar o trânsito na Avenida da Liberdade aos domingos e feriados que a iniciativa também pressupõe, Carlos Moedas já veio acusar a oposição de estar a "prejudicar a vida dos lisboetas". De qualquer forma, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa viu a sua bancada votar favoravelmente a proposta do PCP que prevê um estudo técnico para a redução dos limites de velocidade para acautelar eventuais prejuízos das populações que vivem e trabalham na capital. Assim, depois de semanas de um intenso debate, há consenso. O plano para reduzir a velocidade em Lisboa depende agora de uma avaliação de impacto das medidas, da auscultação das populações e "da elaboração de soluções concretas de implementação que as tenham em conta", prevenindo uma calendarização e admitindo diferentes fases de implementação. Até lá, nada muda.

## A VOZ do corvo



## Paz sim, Guerra não!

Dizia há dias um velho, tido por sábio e ponderado entre todos os outros que se reúnem no jardim do meu bairro: ... já passei dos 90 anos e vejam lá as guerras de que ouvi falar ou que vivi.

Começou com a guerra da Abissínia, depois a de Espanha, mal acabou esta logo começou a 2ª Guerra Mundial... os "refugiados" e os "expedicionários" que iam para as ilhas do Atlântico... foram lá parar dois primos meus, mais velhos que eu... e os Japoneses e Timor... depois a Guerra Fria e a Guerra da Coreia que começou no dia em que fui

à inspeção militar, tinha eu 19 anos... a da Indochina e de Dien Bien Phu e a do Vietname e a da Argélia e a invasão de Goa pela União Indiana e o drama de todos aqueles a quem Salazar ordenou que lá morressem e o opróbrio que foi lançado sobre aqueles que não lhe obedeceram... depois, para nós tão dolorosa, a Guerra Colonial e a angústia de tantos pais que viam crescer os filhos a caminho de lá irem parar.

Vi partir muitos jovens e vi chegar muitos caixões às estações marítimas, disse com profunda tristeza o velho senhor e acrescentou, depois de um silêncio...fora aqueles que vieram estropiados ou dementes, meios vivos e que vieram cá morrer.

Todos os presentes se quedaram pensativos e ele prosseguiu: agora já não há minuto nenhum da nossa vida em que não haja gente a matar gente em qualquer parte do mundo. São guerras localizadas que ressoam e têm consequências por todo o mundo, no Kosovo, na Líbia, na Palestina, na Síria, no Afeganistão e espalhadas pelo terrorismo em Nova Iorque, em Madrid ou Nice e em muitos outros sítios e isto sem falar dos conflitos larvares, os que matam sem fumo, nem estrondos, como aquele que sofre há tanto tempo o povo Saarauís.

Reparem bem, continuou o velho, no que a História nos ensinou, com tanta vida destruída

e tanta casa destruída, nos tempos que cabem na nossa memória: nunca duas democracias, duas verdadeiras democracias, lutaram entre si e provocaram guerras. Aliaram-se, sim, contra Impérios de monarquias desavindas, contra "eixos" e contra terrorismos; nunca houve uma guerra que não terminasse, houve sempre um armistício, uma convenção, um acordo que lhe pusesse fim, muitas vezes os agressores levaram menos tempo a curar-se das suas feridas que os agredidos e já sucedeu a razão estar do lado de quem formalmente declarou a guerra, mas a infâmia esteve sempre do lado de quem atacou de surpresa...

Concluiu depois com um suspiro: é triste que haja gente que se compraz com a guerra e há mesmo aqueles que com ela ganham benesses e dinheiro...

Foi então que um outro velho, até então calado, disse: ... está tudo doido, o maniqueísmo deu cabo de todas as relações, só há muito bons ou muito maus...parece que só o Bom Papa Francisco se mantém lúcido pois, sem atribuir culpas, nem curar de saber quem "atirou a primeira pedra", procura cristãmente que haja Paz na Terra entre os Homens de Boa Vontade.

## TRANSPORTES



Novos proprietários herdam reivindicação de aumentos salariais.

## Transportes Sul do Tejo nas mãos de israelitas

A Transportes Sul do Tejo (TST) tem novos proprietários, depois dos alemães do Grupo Arriva terem fechado negócio com o grupo israelita Dan por um montante que nenhuma das partes quis revelar. “A transação deverá estar concluída no final de agosto e, por isso, a nossa prioridade agora é apoiar os nossos colegas em Portugal nesta transição, mantendo o seu foco na mobilização para o novo contrato do lote 3 – que se desenvolverá nos concelhos de Almada, Sesimbra e Seixal, com o objetivo de prestar os melhores serviços de transporte aos passageiros e às diversas autoridades”, refere o CEO do Grupo Arriva, Mike Cooper, em comunicado. Na nota divulgada a 19 de maio, os alemães asseguram que “todos os trabalhadores da TST serão transferidos para o Grupo Dan”.

Atualmente, a TST é a maior rede de transporte de passageiros no distrito de Setúbal, onde opera há mais de 40 anos. Recentemente ganhou o contrato de prestação de serviço público de transporte de passageiros nos concelhos de Almada, Seixal e Sesimbra, incluindo as linhas de ligação a Lisboa, Setúbal, Barreiro e Moita, que terá início no dia 1 de julho de 2022, utilizando

339 autocarros - 290 novos - e prevendo a contratação adicional de 800 trabalhadores, na sua grande maioria motoristas.

Para justificar a alienação, os alemães do Grupo Arriva alegaram a recente “estratégia para operar um portfólio de negócios mais restrito”, onde Portugal não se inclui. Segundo maior operador transportes de Israel, o Grupo Dan é pioneiro na área dos autocarros elétricos e está a converter uma grande parte da sua frota para autocarros elétricos, encontrando por cá oportunidade de negócio. Prevista para o verão, a conclusão da transação estará sujeita às habituais condições de encerramento, incluindo, entre outras, a aprovação do Conselho de Supervisão da Deutsche Bahn - proprietário do Grupo Arriva - e do Ministério Federal Alemão dos Transportes. Além do novo contrato de transporte de passageiros, os israelitas herdam um conjunto de reivindicações dos trabalhadores, entre elas, o aumento do salário dos motoristas que ainda há cerca de um ano, em junho, cumpriram dois dias de greve denunciando precisamente que a sua categoria profissional não podia continuar a ganhar o mínimo nacional.

## EXCLUSÃO

## 121,5 milhões para combater exclusão social

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) abriu um concurso com 121,5 milhões de euros para combater situações de carência e exclusão social nas comunidades mais desfavorecidas da região. Com as candidaturas a decorrer até 30 de junho, a verba será aplicada até 31 de dezembro de 2025 em 31 operações locais, com o objetivo de desenvolver uma abordagem integrada para promover a inclusão social de comunidades que vivem em situação de carência e exclusão. “As verbas serão investidas em obras, construção e ações imateriais sobre

as múltiplas vulnerabilidades sócio-territoriais, envolvendo atores locais e setoriais, de acordo com as características, problemas e oportunidades de cada comunidade, identificadas a partir de diagnósticos locais participados”, especifica o comunicado da AML que até ao fim do mês de junho está a reunir com os municípios de Alcochete, Almada, Barreiro, Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Odivelas, Oeiras, Palmela, Seixal, Sintra, Sesimbra, Setúbal e Vila Franca de Xira “para partilha de planos, dúvidas e esclarecimentos”.

## CARRIS METROPOLITANA

## Primeira fase avança com novos autocarros e percursos



A partir de 1 de junho - e até 1 de julho, data em que os serviços da Carris Metropolitana chegam aos 18 concelhos da Área Metropolitana de Lisboa - pode começar a despedir-se das cores da Rodoviária de Lisboa, Vimeca e Transportes Sul do Tejo. Com a Carris Metropolitana, a distinção entre os autocarros das empresas de transporte que operam na AML desaparece. Amarelos, os autocarros vão passar a ser todos iguais. Para já, numa primeira fase, os novos veículos começam a circular em Alcochete, Moita, Montijo, Palmela e Setúbal. Um mês depois, os 1600 veículos previstos para assegurar os velhos e novos percursos deverão integrar a operação coordenada pela Transportes Metropolitanos de Lisboa (TML).

Criada em 2020, na sequência do concurso público internacional lançado em 2019 para assegurar o transporte rodoviário na Grande Lisboa por sete anos, no valor de 1,2 mil milhões de euros a TML só se encarrega de gerir o serviço público, não substituindo os operadores. A promessa é melhorar o serviço. Com 160 novas linhas, em cerca de 820, o novo desenho da rede prevê que a oferta seja aumentada em 35%, relativamente à existente. A título de exemplo, Cacilhas vai passar a estar ligada à estação de Corroios e o Hospital Garcia da Orta ao Miratejo. A carreira 4621 vai passar a ligar a Moita à estação fluvial do Seixal e Coina será ponto de partida para Sesimbra, para a Praia do Meco e para Fernão Ferro. Até agora praticamente isolado, o bairro do Marisol também vai ter ligação direta ao Seixal, aos Foros da Amora e a Corroios.

Nos concelhos de Lisboa Barreiro e Cascais as empresas municipais de transporte rodoviário, como a Carris ou os TCB vão, neste contexto, continuar a assegurar as carreiras intermunicipais, passando as populações, sim, a dispor de mais opções para sair dos respetivos concelhos.

Apesar de não estarem previstas quaisquer alterações no preço cobrado pelos passes Navegante Municipal e Metropolitano - 40 e 30 euros, respetivamente -, as viagens ocasionais vão sofrer alterações com a introdução de um sistema com quatro linhas. Na “linha próxima”, as viagens podem variar entre os 0,85 e os 1,25 euros, na “linha urbana”, entre os 1,55 e os 2,60 euros, na “linha rápida” entre os 3,10 e os 4,50 e, por fim, na chamada “linha inter-regional”, entre 2,60 ou 3,60 euros.

## CRIANÇAS

## Um quinto das crianças está exposta a humidade e bolor em casa



Relatório da UNICEF revela consequências da pobreza sobre a infância em Portugal.

O documento divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) revela que uma em cada cinco crianças portuguesas está exposta a humidade e bolor em casa. A investigação realizada pelo Centro de Pesquisa Innocenti da UNICEF, coloca Portugal em terceiro lugar, entre 39 países, no que diz respeito ao desempenho geral em termos de indicadores ambientais.

Contudo, Portugal cai para a 25.<sup>a</sup> posição no que toca às condições ambientais para as crianças, nomeadamente a poluição do ar e da água e a presença de chumbo no sangue. Este relatório sublinha que cerca de 8% das crianças portuguesas vivem em habitações com problemas graves. Cerca de 35% das famílias pobres com crianças tinham dificuldade em manter as casas aquecidas em Portugal, enquanto 25% das famílias são afectadas pelo ruído e pela poluição sonora.

Uma em cada cinco crianças portuguesas está exposta a humidade e bolor em casa, enquanto uma em cada dez famílias pobres com crianças viviam em habitações com pouca iluminação natural.

O centro analisou 39 países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e da União Europeia (UE) de acordo com diferentes critérios, incluindo pesticidas, geração de resíduos, humidade doméstica e acesso à luz natural.

O relatório critica o facto de muitos países ricos não conseguirem oferecer um ambiente saudável aos seus próprios jovens, sublinhando que mais de 20 milhões de crianças têm níveis elevados de chumbo no sangue.

“Não só a maioria dos países ricos não consegue proporcionar aos seus próprios filhos um ambiente de vida saudável, mas, pior ainda, contribui para a destruição de outras crianças, em outras partes do mundo”, denunciou num comunicado à imprensa Gunilla Olsson, diretora do Centro Innocenti.

Por outro lado, o relatório refere que o ambiente saudável vivido em países como a Finlândia, Islândia e Noruega só é possível através de sistemas com um enorme impacto no planeta em termos de consumo, emissão de gases de carbono e produção de lixo eletrónico.

## EDUCAÇÃO

## Quase metade dos docentes do ensino superior tem mais de 50 anos

De acordo com a Lusa, quase metade dos professores do ensino superior tem mais de 50 anos e são cada vez menos os docentes abaixo dos 40, segundo dados da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), que mostram uma classe a envelhecer.

No início deste século, um aluno cruzar-se com um professor com menos de 40 anos nos corredores da universidade ou do instituto politécnico era tão usual como é agora encontrar um docente com mais de 50 anos.

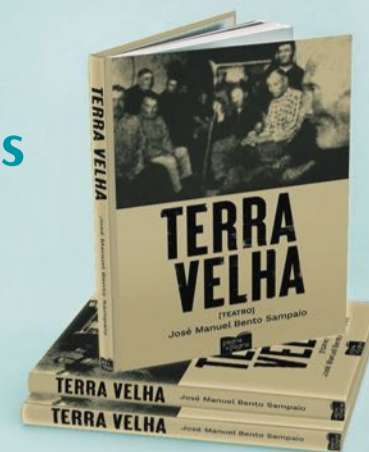
No ano letivo de 2001/2002, quase metade dos professores (48%) tinha menos de 40 anos, mas duas décadas depois, representam apenas 21,5% do total de do-

centes. Por outro lado, os que têm mais de 50 anos passaram de 22,8% para 46%, segundo dados da DGEEC.

No início do século, havia cerca de 35 mil docentes nas universidades e politécnicos de instituições particulares e públicas. Em vinte anos, o aumento de professores foi inferior a mil, mas o número de alunos disparou: passou de cerca de 396 mil para 416 mil este ano.

Há uma década — no ano letivo de 2012/2013 — dois em cada três docentes tinham a situação de contratação mais estável: 65,5% encontrava-se em tempo integral e com dedicação exclusiva.

### A VOZ dos livros



#### *Terra Velha*, de José Manuel Sampaio

Partindo de um episódio singular, a luta dos rendeiros de Alterim pelo direito a permanecer nas terras que granjeavam há mais de 90 anos, José Sampaio constrói um épico poderoso, numa linguagem que percorre os diversos estratos sociais, desde os que são analfabetos, aos que têm hábitos de leitura, até aos que sabem escrever o nome, ou como Alberto, licenciados e com bastos conhecimentos políticos.

Neste texto/documento, mesmo quando a verdade histórica entronca na ficcionalidade, como nesta peça acontece, torna-se necessário que o espectador tenha algum espaço de respiração para que o essencial do que é dito se não perca na urgência de contar, de passar a ideia central. Para tanto, o autor utiliza alguns processos discursivos (os diálogos com as mulheres, p.ex.) que vão pontuando a acção. José Sampaio sabe destes mecanismos que habitam o texto teatral, daí que as mulheres, de língua mais solta e desinibida, actuem como descompressores da injustiça, da gravidade política que nos é narrada. O autor sabe dessa condição e utiliza-a com mestria.

Este livro é um poderoso épico, com nomes, rostos, palavras de um povo que se ergueu do chão raso da ignomínia e cantou o dia claro e o direito a respirar livremente na sua própria pátria.

No contexto actual onde, por toda a Europa assistimos perplexos ao ressurgimento de grupos nazi-fascistas, que se aproveitam do jogo democrático para subverter as instituições e impor de novo a barbárie e o terror, a importância deste livro, e de tantos outros que fizeram/fazem o inventário crítico e factual da História recente do nosso povo, e da Europa em geral, torna-se um documento determinante e incontornável. Mas não se pense que este livro/documento exacerba a política, dado que é o humano, a verdade testemunhal de quantos viveram esses tempos, que percorre o *corpus* desta escrita que se faz contida, certa e despojada como uma peça sobre a memória histórica dos seus protagonistas deve ser.

Independentemente de sabermos se esta peça cumprirá a sua função primordial — ser encenada e tornar-se actuante nas tábuas de um palco — ela está aqui, na perenidade das palavras e do que nas páginas deste livro se conta. Documento fidedigno da vida, das memórias e da luta de uma comunidade, afirmando que é possível, através da luta e da razão, mudar o rumo dos acontecimentos. Mudar a vida, porque, como está escrito, de modo corajoso, numa tabuleta à beira dos valados: *Estas terras pertencem-nos. Estamos aqui há 90 anos.* Ou seja, desde sempre.

*Terra Velha*, de José Manuel Sampaio — edição Página a Página/202

Domingos Lobo

## SALÁRIOS

# “Paz social não está garantida” com aumentos de 0,9%

Muito abaixo da taxa de inflação de 7,2% registada em abril, a atualização salarial orçamentada pelo Governo deixa os trabalhadores à mercê do aumento desenfreado dos preços

“Absolutamente insuficiente” face ao aumento abrupto do custo de vida, a atualização salarial de 0,9% proposta pelo governo para todos os trabalhadores da Administração Pública deu o mote à greve que fechou escolas e colocou serviços públicos e hospitais em serviços mínimos em todo o país, no passado dia 20 de maio. Com uma adesão de cerca de 90%, a paralisação nacional convocada pela Frente Comum teve expressão nas ruas de Lisboa com milhares a exigir um aumento “urgente” de 90 euros para compensar a perda de poder de compra. “Empobrecer a trabalhar, não” foi uma das palavras de ordem mais repetidas pelos trabalhadores de todos os sectores do Estado que engrossaram o protesto que se fez ouvir do Marquês de Pombal à Assembleia da República. “Estes 0,9 no meu salário? São 16 euros. 16 euros já nem chegam a metade de uma botija de gás”, indigna-se Alexandra. Com 29 anos de carreira, a professora teve a progressão na carreira congelada nos últimos dez e recorre a um verso dos Xutos & Pontapés para resumir a condição dos demais trabalhadores do Estado: “Isto de facto, a nossa vida é sempre a perder. Carreira, salários, condições de trabalho e não há direito”.

Três pontos percentuais abaixo da taxa de inflação de 1,2% registada em 2021, a atualização salarial que o governo incluiu no Orçamento do Estado deste ano fica ainda mais distante quer da previsão de 4% feita pelo próprio executivo, quer da inflação de 6% prevista pelo FMI, quer ainda dos 7,2% registados no passado mês de abril. “Não vai ser possível garantir paz social com esta imposição do governo. Os trabalhadores da Administração Pública não estão dispostos a empobrecer a trabalhar”, reiterou o líder da Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública comprometendo-se com o endu-



Jornada de luta contou com taxa de adesão a rondar os 90%.

recimento da luta contra o desinvestimento em todos os sectores do Estado.

Contra as políticas de estagnação salarial dos trabalhadores do Estado, a revogação do chamado Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública (SIADAP) também foi bandeira da ação

de protesto que, em alternativa, propõe a sua substituição por um sistema de avaliação sem quotas. Isto, a par de um sistema de avaliação “formativo, transparente, equitativo e justo” e de uma correção da tabela remuneratória única respeitando a lei, valorizando os salários e garantindo a proporcionalidade entre os escalões.

## OE 2022

## “Sem surpresa”. PS aprova orçamento de maioria

Pela primeira vez em seis anos de governação, o governo PS dispensou negociações para fazer aprovar o Orçamento do Estado (OE) de 2022 na votação final global. Com a abstenção do Livre, PAN e três deputados do PSD Madeira, o instrumento de governação que só reuniu consenso na bancada socialista, teve os votos contra das restantes bancadas bancadas. Das 1.505 propostas de alteração apresentadas pela oposição, apenas 140 foram tidas em conta pelo executivo liderado por António Costa. Apesar de garantir que as contas do Estado para o ano corrente são “fruto do diálogo interpartidário”, facto é que o executivo usufruiu da maioria parlamentar para incluir menos de 10% das propostas das restantes bancadas na versão final do documento. Subscritores das posições conjuntas que viabilizaram a aritmética parlamentar entre 2015 e 2022, PCP e BE só ficam à frente da extrema-direita - que viu as suas 309 propostas chumbadas - no que respeita à aprovação das suas propostas pelo governo.

Contas feitas, só avançou a iniciativa comunista sobre o direito de preferência na compra e venda de imóveis, ou dação em cumprimento, às autarquias, ainda assim, excluindo o ponto que definia que os imóveis deveriam destinar-se “a programas de renda apoiada ou de renda condicionada”. Mais que esta meia proposta, o Bloco conseguiu aprovar iniciativa e meia para criar um programa de promoção do Estatuto dos Profissionais da Cultura e para combater a pobreza menstrual. Depois do PAN com 41 propostas tidas em conta e do Livre com 13, o PSD foi o terceiro partido com mais propostas de alteração incluídas no OE, sendo que das oito medidas, cinco vieram dos três deputados do PSD Madeira, nomeadamente a inscrição de novas empresas na Zona Franca da Madeira, a redução do imposto sobre o rum da Madeira, a entrega de receitas fiscais e novos limites máximos para a concessão de garantias de Estado à região. Com cinco alterações aprovadas, a Iniciativa Liberal também conseguiu ficar mais próximo da visão socialista para as contas do Estado.

“Sem surpresa” foi a expressão mais usada pela comunicação social sobre a aprovação orçamental que, do lado de fora do Parlamento, foi acompanhada pela contestação dos trabalhadores, exigindo melhores salários e pensões, o controlo dos preços e a melhoria dos serviços públicos e das funções sociais do Estado.

Anunciado como um “Orçamento à esquerda”, o documento parte timidamente para um alívio no IRS, com o desdobramento do terceiro e do sexto escalões do IRS, instituindo nove escalões. Marcado por um conjunto alargado de medidas definidas em outubro, sem os efeitos especulativos gerados pelos efeitos económicos do conflito na Ucrânia, o primeiro OE de Fernando Medina na pele de Ministro das Finanças mantém a meta do défice público de 1,9%, embora ignore o peso da inflação na subsistência das famílias, adiando aumentos em linha com a subida dos preços que asfixiam os trabalhadores e consequentemente o crescimento económico.

## CINEMA

# A reclusão de um país em “Atrás dessas paredes”, o novo filme de Manuel Mozos

Mónica Baptista, professora de cinema

“Atrás Dessas Paredes”, o novo documentário de Manuel Mozos, que teve estreia nacional em Maio, no festival IndieLisboa, viaja por um país e lugares do passado, fazendo-nos questionar sobre a realidade em que hoje vivemos.

Sobre planos fixos de espaços vazios, filmados de uma ou duas perspectivas, vão surgindo vozes de mulheres e homens anónimos. O que contam recorre a fontes diversas, convocando assim diversas emoções: são registos documentais, epístolas particulares e outros materiais e escritos de arquivo recolhidos pelo cineasta e colaboradores. O que contam fala das vidas que de alguma forma andaram por estes lugares.

Manuel Mozos recorre também a imagens de arquivo, que complementam o imaginário entre as imagens actuais e as vozes dos vários narradores, complexificando assim a forma como articula passado e presente.

## Pobreza e doença

“Atrás Dessas Paredes” salienta o passado marcado pela ditadura fascista, com consequências para as condições sociais e económicas das classes baixas, e repercussões naquilo que era a identidade de um povo camuflado pelo medo. Isto é revelado indirectamente através do que as vozes contam sobre as imagens. Num sanatório pediátrico, vemos crianças a brincar, outras deitadas em camas ao ar livre à beira-mar, enquanto escutamos relatos sobre os preceitos terapêuticos para o tratamento da tuberculose: era a epidemia dos pobres, dos que tinham menos condições de salubridade, higiene, alimentação e habitação.

Vemos uma idosa a pedir para um miúdo que se finge doente, a repartirem a esmola, e depois a serem levados pelas autoridades. Sobre estas imagens de arquivo, uma voz conta na primeira pessoa o que acontecia a pobres, mendigos e pedintes encontrados nas ruas, a vagarear ou mendigar: eram levados para a desinfecção e depois presos.

O regime condenava e escondia os mais frágeis. Mulheres, rapazes, homens e crianças lutavam diariamente pela sobrevivência. Por isso, Mozos filma o espaço da Mitra, para onde pessoas de todas as idades eram levadas por cometer actos considerados ilícitos, como andar descalço na rua ou pedir para comer.

## Presos políticos e guerra colonial

Eram vários os tipos de repressão. Existiam os presos políticos, que vemos nas imagens recolhidas da Prisão do Limoeiro: atrás daquelas paredes, num pátio, homens apanham sol; do outro lado daquelas janelas com grades está o Tejo. Escutamos relatos de homens sobre a sua condição de presos. Temos ainda imagens do Forte de Peniche, e dos presos que lá se encontravam antes do 25 de abril.

Na guerra colonial, um homem lê uma carta que escreve à namorada. Confessa o seu desespero e solidão. Fala-nos na primeira pessoa do que sentiam aqueles homens longe do país, em combates sem sentido.

## Outros marginalizados: os loucos

Se temos prisões para onde eram arremessados pobres que apenas queriam sobreviver, e aqueles que na clandestinidade lutavam contra a ditadura, temos também os que eram considerados loucos. Aqueles que, medi-



cados, viviam encerrados em hospitais psiquiátricos. Mozos dá-nos notícias desse regime de encarceramento e marginalização, de como homens e mulheres viviam atrás daquelas paredes do Júlio de Matos ou do Miguel Bombarda, no coração de Lisboa.

## E hoje?

O que “Atrás Dessas Paredes” nos faz concluir é que hoje podemos viver à frente de paredes e podemos atravessá-las, sem nos escondermos com medo de exprimir o que pensamos e sentimos. Também nos diz que é fundamental convocar a memória e o passado, para compreendermos o presente, reflectirmos e agirmos na direcção de um futuro mais igualitário.

## Sugestões culturais

**Toc Toc**  
Teatro



Seis pessoas com transtorno obsessivo-compulsivo, por engano, têm consulta à mesma hora. Presos no consultório, começam a manifestar pensamentos obsessivos, revelando como tais acções influenciam o seu quotidiano e relação com os outros. Com humor, capta-se a natureza desta patologia. Até 30 de julho, na Sociedade Recreativa e Musical de Almoçageme.

**Diários de Viagem**  
Walter Benjamin



Poucas vezes nos perguntamos onde estava, em que condições vivia e pensava Walter Benjamin quando escreveu determinado texto. É desse substrato biográfico, material e existencial da sua escrita que dão conta os Diários de Viagem incluídos neste novo volume das suas obras, traduzidas por João Barrento e editadas na Assírio e Alvim.

**Obsidiana**  
Filipe Raposo



O ensaio sonoro e visual lançado em 2019 com Øcre, parte da reflexão artística sobre a influência de três cores – vermelho, preto e branco – e chega agora à Obsidiana, com 12 novas músicas associadas a imagens, textos, citações. “Perceber a cor e o seu simbolismo tem sido uma das questões fundamentais ao longo desta reflexão, transformada em inquietude.”

**Os pequenos ARTivistas**  
Lu.Ca



Hoje deparamo-nos com um grave problema: o plástico. A cada hora que passa, chegam aos oceanos cerca de mil toneladas de plástico. Não podemos ficar indiferentes. De forma a alertar para este problema ambiental, os pequenos ARTivistas do LU.CA vão criar uma obra e deixar um compromisso com plástico trazido da praia. De 18 a 26 jun.

**COVID-19**

# Cabe a cada um de nós tomar medidas para controlar a infeção



Complete ou reforce a sua vacinação



Opte por usar máscara em espaços fechados ou em aglomerados



Lave ou desinfete as mãos



Areje os espaços interiores

Mantenha-se informado sobre as medidas em vigor em [dgs.pt](https://dgs.pt) e [covid19.min-saude.pt](https://covid19.min-saude.pt)

## PAZ

# Em defesa da paz

Ilda Figueiredo, CPPC

A defesa da paz é uma urgência desta época tão complexa que estamos a viver, num mundo em profunda convulsão, onde se têm multiplicado conflitos, guerras, sanções, bloqueios, corrida aos armamentos, sofrimento, destruição, aumento do número de refugiados e deslocados, o que implica o reforço do empenhamento de todos os amantes da paz.

O Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) intervém neste contexto e tem procurado mobilizar milhares de ativistas para a defesa da Paz, rejeitando o caminho do militarismo, da confrontação e da guerra, multiplicando ações que promovam a educação e a cultura da paz, considerando que é fundamental o empenhamento da diplomacia para a solução política dos conflitos, o que não deve ser substituído pela ingerência, pela desestabilização, pelos bloqueios e as sanções, pelas intervenções, invasões e ocupações militares, pela guerra, com todas as suas dramáticas consequências. Em muitas zonas de Portugal, em diversas iniciativas, incluindo concentrações e manifestações, concertos pela paz, debates em associações, autarquias e escolas, tem-se proclamado a muitas vozes PAZ SIM! GUERRA NÃO!

São preocupações de há muito do CPPC que, tendo sido formalmente constituído em Abril de 1976, sempre esteve contra o caminho da guerra para a resolução de conflitos como aconteceu na Jugoslávia, no Afeganistão, no Iraque, na Líbia, na Síria, no Iémen e noutros países, incluindo a Ucrânia, sem esquecer as ocupações ilegais da Palestina por Israel, do Saara Ocidental por Marrocos ou de sanções e do inadmissível bloqueio económico, há mais de 50 anos, dos EUA a Cuba, apesar de condenado pela esmagadora maioria da comunidade internacional.

Tendo por base a Constituição da República Portuguesa, os princípios da Carta da ONU e a Acta Final da Conferência de Helsínquia, o CPPC considera que é urgente parar a guerra e dar uma oportunidade à paz, como se tem afirmado em iniciativas públicas realizadas nestes últimos meses. Tal como considera que as autoridades portuguesas se devem empenhar na defesa da paz, seguindo os princípios constitucionais que a Revolução de Abril de 1974 impulsionou, abrindo as portas da liberdade e da democracia, repudiando todas as manifestações de fascismo, xenofobia e racismo, rejeitando a opção do militarismo e da guerra nas relações internacionais, defendendo a solução pacífica dos

conflitos internacionais, a dissolução dos blocos político-militares, o desarmamento geral, simultâneo e controlado.

Por isso, também se decidiu apoiar o Apelo Paz sim! Guerra e corrida aos armamentos não! que diversas personalidades subscreveram e a que muitas organizações já se associaram, incluindo o CPPC e a CGTP, apelando a que todos os que aspiram à paz participem nos desfiles que terão lugar nos próximos dias 25 de Junho, pelas 15 horas, a partir da Rotunda do Marquês, em Lisboa, e 29 de Junho, pelas 18 horas, na Cordoaria, no Porto.

É que, independentemente de opiniões diversas sobre os desenvolvimentos no plano internacional, une-nos a condenação da guerra, a profunda preocupação com o agravamento da situação mundial e os sérios perigos para a Humanidade que dela decorrem, o que implica que se criem condições de diálogo que garantam o estabelecimento de um clima de confiança, com vista à criação de um sistema de segurança coletiva, uma ordem internacional capaz de assegurar a

paz e a justiça na relação entre os povos.

Com uma ampla mobilização de todos os que aspiram à paz será possível travar o aumento das despesas militares, a corrida aos armamentos, a produção de mais sofisticadas armas, incluindo nucleares, a instalação de mais bases militares em países terceiros, canalizando esses meios para a resolução dos problemas da fome, da doença, da pobreza que afectam grande parte da Humanidade.

Continuamos a apelar às autoridades portuguesas, através de uma nova petição que está a decorrer, que se assine e promulgue o Tratado de Proibição de Armas Nucleares, aprovado em Julho de 2017, no âmbito da ONU, por 122 países, e já subscrito e promulgado por dezenas de países, o que lamentavelmente Portugal ainda não fez, apesar de ter uma das constituições mais progressistas do mundo que refere, designadamente, no seu artigo 7º, “Portugal preconiza a abolição do imperialismo, do colonialismo e de quaisquer outras formas de agressão, domínio e exploração nas relações entre os povos, bem como o desar-

mamento geral, simultâneo e controlado, a dissolução dos blocos político-militares e o estabelecimento de um sistema de segurança coletiva, com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça nas relações entre os povos.”

Importa referir que o CPPC assume como suas as causas da dissolução dos blocos político-militares, do fim das bases militares estrangeiras, das armas nucleares e de outras armas de destruição massiva. Assume, igualmente, como suas as causas do respeito pela soberania e independência dos Estados, do direito dos povos a definirem o seu próprio destino livre de ingerências.

Nestes tempos de incerteza, complexos e perigosos, reafirmamos a importância de alargar a convergência de vontade na defesa da paz, como se fez com os dois Encontros pela Paz que se realizaram em 2018 e 2021, com todos quantos, em Portugal e no mundo, intervêm convictos de que um mundo justo, solidário e de paz é não só desejável como possível.

Pela paz, todos não somos demais!

INSTITUCIONAL

**DESFILE  
PAZ  
SIM!**

**GUERRA E CORRIDA  
AOS ARMAMENTOS NÃO!**

**25 JUNHO . 15H00  
MARQUÊS DE POMBAL  
LISBOA** | **29 JUNHO . 18H00  
CORDOARIA  
PORTO**